

**PIERRE MONBEIG: Da Escola Regionalista Francesa às Frentes
Agropecuárias Brasileiras**

*PIERRE MONBEIG: From French Regionalist School to Brazilian
Pioneers Fronts*

*PIERRE MONBEIG: De la Escuela Regionalista a las Frentes
Agropecuarias Brasileñas*

Vitor Vieira Vasconcelos

Consultor Legislativo de Meio Ambiente e Recursos Naturais na Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Doutorando em Geologia - Universidade Federal de Ouro Preto. Mestre em Geografia, Especialista em Solos e Meio Ambiente, Bacharel em Filosofia.
Campus Universitário - Morro do Cruzeiro
CEP:35400 - 000 Ouro Preto / MG
E-mail: vitor.vasconcelos@almg.gov.br

Renato Moreira Hadad

Pró-Reitor na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professor no Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial. Doutor em Ciência da Computação, Mestre em Engenharia Eletrônica e Computação, Bacharel em Engenharia Mecânica.
Av. Dom José Gaspar, 500 - Coração Eucarístico - Belo Horizonte - MG - CEP 30535-901
E-mail: rhadad@pucminas.br

Paulo Pereira Martins Junior

Professor na Universidade Federal de Ouro Preto. Pesquisador Pleno na Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais - CETEC-MG . Doutor em Ciências da Terra
Campus Universitário - Morro do Cruzeiro
CEP:35400 - 000 Ouro Preto / MG
E-mail: paulo.martins@cetec.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo discorrer o geógrafo Pierre Monbeig. O prelo comenta suas posições sobre a ciência geográfica. Pretende-se mostrar, como Pierre Monbeig, confrontando a teoria da escola regionalista francesa com a complexidade da dinâmica brasileira de ocupação rural e urbana da primeira metade do século XX, mostrou serem necessárias novas formas de se pensar a Geografia.

Palavras-Chave: Pierre Monbeig; História da Geografia; Frentes Agrícolas, Brasil.

Abstract

The academic work of the eminent geographer Pierre Monbeig is the focus of this study. Monbeig's interpretation is discussed on the geographical science scene. The authors intend to show how Pierre Monbeig confronted the regional theory of his contemporary French school with the complex dynamics of Brazil's rural and urban occupation, in the first half of the twentieth century. Therefore, Monbeig pointed out that new ways were necessary to think geographically.

Keywords: Pierre Monbeig; Geography History; Pioneers Front, Brazil.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir acerca de el geógrafo Pierre Monbeig. Al principio, expone sus posiciones acerca de la ciencia geográfica. Consiguientemente, muestra como Pierre Monbeig, confrontando la teoría de la Escuela Regionalista Francesa con la complejidad de la dinámica de la ocupación brasileña urbana y rural de la primera mitad del siglo XX, demostró la necesidad de nuevas formas de pensar la Geografía.

Palabras-clave: Pierre Monbeig, Historia de la Geografía, Frente Agrícola, Brasil.

Introdução: Vida e Obra

Pierre Monbeig (1908-1987) lecionou no Brasil entre as décadas de 1930 e 1940. Sua cadeira na USP sucedeu a de Pierre Deffontaines, assumindo a tarefa de continuar a implantação da Geografia acadêmica no Brasil (BARREIRA, 1995, p. 92). Como um dos primeiros professores acadêmicos de Geografia no Brasil, participou da formação de vários grandes pesquisadores atuais, como Aziz Ab'Saber e Caio Prado Júnior. Após retornar à França, também foi orientador de vários geógrafos brasileiros que iam buscar naquele país a sua formação de doutorado (AB'SABER, 1994, p. 222). Portanto, seu trabalho contribui, junto a outros geógrafos, para a legitimação da Geografia como saber acadêmico no Brasil, bem como para a valorização da profissão de Geógrafo como técnico e como professor, nas escolas, empresas e instituições (BARREIRA, 1995, p. 93).

Monbeig teve sua formação baseada na escola regionalista francesa, de raízes vidalianas (SILVA, 2002, p. 71). Seus grandes mestres foram Albert Demangeon e Emmanuel de Martone, além de ter recebido influência dos ensinamentos histórico-econômicos de Henri Hauser (SILVA, 2002, p. 75). Bray (1983, p. 84-85) identifica

como traços marcantes da Geografia Francesa, que foram incorporados nas obras de Monbeig, a valorização da liberdade e iniciativa humana, a abordagem sistêmico-organicista, a teoria do equilíbrio entre homem e natureza, a utilidade da Geografia para o assessoramento do Estado e uma valorização da solidariedade como tecido social. Esta última é exemplificada como:

A solidariedade é um princípio do liberalismo político e uma contraposição ao evolucionismo competitivo concorrencial de base darwinista-ratzeliana. Nos estudos dos gêneros de vida e nas análises de tendências funcionalistas da geografia francesa, a solidariedade é um princípio fundamental. (BRAY, 1983, p. 84)

A produção acadêmica de Pierre Monbeig foi bastante ativa. Antes de intuïrem-se revistas especializadas de Geografia no ambiente acadêmico brasileiro, Monbeig publicou diversos textos na Folha de São Paulo. Ulteriormente, muitos desses textos foram republicados em revistas acadêmicas (AB'SABER, 1994). Uma cronologia biográfica ampla das publicações de Pierre Monbeig encontra-se em Salgueiro *et al.* (2002).

Ao retornar à França, Monbeig lecionou um curto tempo em Strasbourg (1948-1952) e em seguida tornou-se professor do Conservatoire National des Arts et Métiers, em Paris. Também foi notável sua participação na fundação (1957) e direção do Institut des Hautes Études de L'Amérique Latine (IHEAL), que produziu vários estudos sobre o Brasil e demais países latino-americanos. Monbeig também teve participação memorável no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), onde exerceu diversos cargos de direção, até sua idade mais avançada. Monbeig morreu em 22 de setembro de 1987. (SALGUEIRO *et al.*, 2002, p. 33).

É notável a contribuição de Pierre Monbeig para a Geografia Brasileira, bem como para a ciência geográfica em sentido amplo. Este artigo, pois, tem como objetivo discorrer sobre o pensamento desse autor, enfocando especialmente sua contribuição para o estudo das frentes pioneiras agropecuárias brasileiras. Mais ainda, pretende-se mostrar como a experiência com o território brasileiro permitiu a Monbeig contribuir para novas formas de se pensar na ciência geográfica.

O Pensamento de Monbeig sobre a Geografia

Ainda em 1940, Monbeig publicou seu primeiro livro de Geografia no Brasil, denominado *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*. Nesse livro, tratou criticamente de temas amplos de Geografia, como a definição dessa ciência e sua relação com as paisagens, com a literatura e com a civilização. Todavia, acrescentava a esses temas um conteúdo da geografia brasileira, diletando sobre o Estado de São Paulo, sobre as frentes pioneiras do oeste, os plantios de cacau na Bahia, além do movimento acadêmico de Geografia no Brasil (AB'SABER, 1994, p. 229). Chamam especial atenção as suas observações sobre a interação dos modos de ocupação rural brasileiros com a paisagem natural, o que Monbeig toma como exemplo para sua conclusão da transformação humana do espaço natural para uma paisagem com um conteúdo subjetivo humano (SILVA, 2002, p. 73).

Posteriormente, em 1957, Monbeig editará um novo livro, chamado *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. Nessa obra apresenta diversos artigos de sua autoria, ao longo dos quais novamente tecerá considerações importantes ao pensamento geográfico; dessa vez, com auxílio de sua já significativa experiência em estudos geográficos no Brasil. Defenderá temas como o valor da atitude explicativa nos estudos e no ensino de Geografia; a importância da psicologia e do modo de pensar dos povos no que implica sua forma de se relacionar com o território, relações sobre os fluxos internacionais de capital e o desenvolvimento territorial, além de importantes considerações sobre o estudo de geografia agrária e urbana.

A todos os temas dessa obra, são marcantes os exemplos e estudos relacionados ao contexto brasileiro, tais como pesquisas aprofundadas sobre a cidade de São Paulo e as frentes de ocupação do oeste paulista. A densidade e a consistência das reflexões de Monbeig dão-se justamente devido a essa unidade entre a sua vivência prática das mudanças de seu tempo, como pesquisador geógrafo, e suas novas reflexões para a teoria da Geografia.

Como características suas como profissional, ressalta-se o espírito crítico e às vezes explosivo contra trabalhos que considerasse insossos ou superficiais (AB'SABER, 1994, p. 224). Também é lembrado, por seus antigos alunos, pela valorização dos trabalhos de campo, dos estudos regionais agrários e dos estudos de geografia urbana

(AB'SABER, 1994, p. 226-227). Endereçava aos alunos missões de elaborar estudos regionais próximos à USP, como forma de iniciarem-se no fazer geográfico autêntico.

Monbeig defendia que era preciso o contato direto aprofundado com uma realidade antes de teorizar-se sobre ela (AB'SABER, 1994, p. 226). Em um país como o Brasil do início do século XX, com poucos dados estatísticos e cartográficos, essa vivência adquiria uma relevância crucial (SILVA, 2002, p. 75). Adicionalmente, seria frutuoso, sempre que possível, travar contato direto com outras regiões semelhantes, que se prestariam a boas reflexões comparativas. É o que mostra Silva (2002), ao apresentar o seguinte fragmento de Pierre Monbeig:

Para se compreender melhor o problema da Amazônia, acho muito importante conhecer a situação existente em outras regiões similares do mundo. Toda região da África Equatorial é bastante parecida com a Amazônica. Não são rigorosamente iguais, porque só em Matemática existe a igualdade. Mas as semelhanças são muito grandes ...

Segundo Pierre Monbeig, teorizações apressadas ou por dados secundários, sem o contato prévio necessário com a região estudada, produziriam apenas formulações inférteis, errôneas e preconceituosas. A característica do bom geógrafo estaria em bem usufruir do contato com a paisagem, observando, sentindo, inquirindo pessoas, enfim, percebendo com profundidade impressões o que aos outros seriam apenas mais uma cena comum (SILVA, 2002, p. 72). Nesse cometimento, é essencial uma capacidade de percepção hábil, que identifique elementos o mais diversos possível, em constituição e em escala, passando desde as linhas do relevo, às inferências geológicas, ao entendimento dos ecossistemas, até chegar à sensibilidade da subjetividade e social implícita às paisagens que já receberam a marca do homem (SILVA, 2002, p. 73). Essa era a recomendação que este professor fazia a seus alunos, como orientação para seus futuros trabalhos como geógrafos.

Monbeig defendia que, inicialmente, poderia ser bastante proveitosa a descrição analítica de uma região, separando a realidade em descrições físicas, informações técnicas, dados estatísticos sociais e econômicos, e tudo o mais (MONBEIG, 1952). Contudo, o trabalho geográfico não para aí. Mais ainda, o mais importante seria a empresa posterior, dedicada a erigir uma compreensão dos processos que relacionam

todas essas *peças e vieses do complexo* estudado (MONBEIG, 1957, p. 14). Destarte, a Geografia conseguiria sair da mera descrição de lugares e dados e, conseguinte, passar a uma verdadeira atitude científica de explicação, necessária tanto à pesquisa quanto ao ensino de Geografia (MONBEIG, 1952; MONBEIG, 1957).

A característica singular do geógrafo seria justamente esta: conseguir trabalhar de maneira unificada com aspectos que de outra maneira só poderiam ser analisados separadamente por especialistas diversos. É dessa junção que Monbeig se permite dizer que o objeto do Geógrafo seria o *complexo geográfico* (MONBEIG, 1957, p. 11; SILVA, 2002, p. 72). A seguinte citação de Monbeig (1957, p. 24) é bastante ilustrativa desse papel de síntese do geógrafo em meio a grupos interdisciplinares (BARREIRA, 1995, p. 103):

Suponhamos que se resolva proceder ao estudo científico das possibilidades de povoamento nas regiões semi-desérticas da Amazônia ou do Brasil Central. O estudo será entregue a grupos de pesquisadores – pedólogos, geólogos, agrônomos, higienistas; outros serão economistas, sociólogos, técnicos de transporte; outros geógrafos. A estes cabe contribuir para a harmonização dos pontos de vista dos técnicos. Seu papel será complementar, mas permitirá a síntese indispensável.

Monbeig criticava o uso do conceito de *Ciências Aplicadas* para definir a Geografia e qualquer outra ciência. Argumentava que todo conhecimento é útil para aplicação à vida e, na verdade, o uso abusivo da expressão *Ciências Aplicadas* estaria servindo como desculpa para que alguns profissionais das universidades se fechassem em seus projetos nos departamentos e laboratórios, fugindo da vida acadêmica (AB'SABER, 1994, p. 231). Como alternativa, Monbeig asseverava que o progresso das ciências deveria se dar por meio do diálogo acadêmico disciplinar e interdisciplinar. Por fim, concluía que quanto maior fosse o desenvolvimento conjunto das ciências, maiores seriam as possibilidades de aplicações práticas mais eficientes (AB'SABER, 1994, p. 231).

O Brasil (MONBEIG, 1954)

Em sua obra *O Brasil*, Monbeig discorre sobre o meio natural e social brasileiro e, também, sobre a expansão da área ocupada ao longo da história. Em seu capítulo sobre o meio natural, realiza uma síntese do conhecimento obtido até sua época sobre o território, apresentando informações e mapas sobre clima, vegetação, geologia, relevo e tipos de solo.

No capítulo seguinte, que trata sobre a conquista da terra, Monbeig começa analisando como era a ocupação do Brasil pelos indígenas, anterior ao descobrimento, e como foi sua relação com os colonizadores portugueses. O livro nos conta das relações com os indígenas por meio das missões, mas principalmente também por intermédio das bandeiras que buscavam escravizá-los. É explicado como as nações indígenas foram praticamente dizimadas ao longo da história de formação do Brasil, sendo expulsas de suas terras, pelo avanço da ocupação portuguesa, e dizimadas pela escravização, pelas doenças e pelos conflitos beligerantes. Todavia, Monbeig ressalta as diversas influências que os indígenas deixaram na cultura brasileira, na linguagem, alimentação e artesanato, especialmente dos caboclos em sua subsistência isolada das zonas rurais.

Consequente, Monbeig passa a relatar os detalhes da expansão portuguesa no Brasil. Inicialmente, com o ciclo da cana-de-açúcar e a chegada dos escravos. Em seguida, com o ciclo do ouro e diamante, que começa com as bandeiras paulistas e se completa com o povoamento de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, para onde migrou significativa parte dos colonos e seus escravos. Por todo esse tempo, a agricultura de alimentos e a pecuária se desenvolvia no Vale do São Francisco e no Sul do Brasil para atender às atividades econômicas principais, seja dos canaviais, seja das cidades mineradoras.

No decorrer do processo de desenvolvimento brasileiro, Monbeig atenta para como se formou uma sociedade de classes violentamente diferenciadas, onde senhores de terras e ricos comerciantes contrastavam com uma sociedade mestiça empobrecida de caboclos, indígenas, mulatos, brancos e negros.

Após o ciclo do ouro, Monbeig discorre sobre a expansão da ocupação das terras com monoculturas para o mercado externo, a qual atinge o seu auge com a expansão cafeeira paulista. Com a gradual abolição da escravatura, principia um grande aporte de imigrantes para ocupar os postos de trabalho da expansão da lavoura de café,

completando o quadro de miscigenação do povo brasileiro. Desse modo, a população brasileira seguia ocupando novas terras, não só pelo aumento da demanda mundial dos gêneros agrícolas, mas também pelo gradual esgotamento das terras, em virtude de técnicas agrícolas defasadas. Por fim, só décadas mais tarde se tornou possível recuperar as fazendas abandonadas, com o advento de novas técnicas de produção agropecuárias.

O autor também expõe sobre a ocupação do Norte do Brasil, por meio da extração de Látex e, ainda, sobre a ocupação da Região Sul, pelos imigrantes europeus. Além disso, ressalta como Brasil Central começa a se destacar no fornecimento de gado para a região Sudeste. Dessa forma, procura retratar de maneira ampla o quadro da formação territorial brasileira.

Com fecho da obra, Monbeig propõe a análise da urbanização e da industrialização que tomaram curso com os excedentes da produção agrícola. Essa nova sociedade enfrenta diversos desafios antes não existentes, como o surto demográfico, o êxodo rural, bem como as necessidades de infraestrutura energética e de transporte. Ademais, cria-se um novo cenário político, ainda atrelado aos senhores do mundo rural, mas que marca uma nova integração nacional, bem como disputas geopolíticas entre as regiões do Brasil pela hegemonia no governo.

Nesse processo de formação territorial brasileira, Monbeig destaca a necessidade de observar como as transformações e demandas da história européia e americana influenciaram a história brasileira, tanto nas atividades produtivas quanto na formação da cultura nacional. Através desta contextualização internacional e do estudo dos pormenores técnico-produtivos, sociais, culturais e geográficos da expansão territorial brasileira, *O Brasil* torna-se um marco pioneiro no estudo da formação territorial do Brasil.

Pierre Monbeig aprofundou-se mais sobre essas reflexões sobre a relevância do contexto internacional para compreender a situação do Brasil e das demais nações, em sua obra *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. Em seu capítulo *Capital e Geografia*, adentra-se em questões sobre como os investimentos de bancos internacionais, bem como as relações de comércio exterior, têm se tornado mais e mais importantes nos fluxos e processos de produtivos de uso do solo rural e urbano, especialmente no Brasil. Em outro texto da mesma obra, também defende que essa

preocupação com a conjuntura econômica internacional deve dar-se inclusive no ensino básico de Geografia, de forma a tornar os cidadãos mais conscientes de como esses processos estão diretamente relacionados ao desenvolvimento da economia e da qualidade de vida de seu país (MONBEIG, 1957, p. 18).

Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo (MONBEIG, 1952)

Ao chegar ao Brasil, Monbeig interessou-se com afinco à vivacidade das frentes pioneiras paulistas. O incessante fluxo de inter-relação entre ocupação territorial e desenvolvimento econômico no oeste paulista instigou Monbeig a propor sua tese de doutoramento sobre esse tema (AB'SABER, 1994, p. 230). Tratava-se de um tema desafiador para a ciência geográfica regionalista francesa, pois a situação sempre mutável da ocupação brasileira, bem como sua miscigenação de culturas, geravam dinâmicas espaciais bastante diferentes das relativamente estáveis paisagens rurais francesas (SILVA, 2002, p.75). A partir daí, esse geógrafo manteria estudos e relações com a geografia brasileira por toda sua vida acadêmica.

Na obra *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*, Pierre Monbeig empreende um estudo que muito deve à sua matriz francesa da Geografia Regional. Como um dos implantadores da escola geográfica no Brasil, seu estudo apresenta um molde para os demais estudos acadêmicos sobre o território Brasileiro. Além de ser uma importante síntese de conhecimentos sobre esse fenômeno importantíssimo para a história da formação territorial do Brasil, que foi a expansão da frente agrícola cafeeira paulista. São qualidades marcantes desse trabalho de Monbeig a conjugação entre teorias acadêmicas modernas, observação e vivência de campo, bem como levantamentos estatísticos e cartográficos disponíveis até aquela época (AB'SABER, 1994, p. 229).

Como tradicional estudo regional, Monbeig inicia por pesquisar as condições naturais do território a ser estudado. Assim, discorre sobre o relevo, o clima, os solos e as paisagens de vegetação natural de São Paulo e adjacências.

Em seguida, discorre sobre as condições históricas que deram origem à atual configuração da sociedade paulista e sua ocupação do solo. Para tanto, o autor enfoca

três linhas de argumentação: o desenrolar histórico, a análise de fatores econômicos e, por último, o que denomina de *psicologia bandeirante*.

Esta última seria uma marcante inovação do autor, ainda mais por se tratar de uma forma de estudo não muito aceita pela sociedade acadêmica de Geografia de sua época (SILVA, 2002, p. 78). Na apresentação desta *psicologia bandeirante*, o autor reflete sobre uma forma de pensar específica de um povo que, do fazendeiro oligárquico ao peão, assume a posição quase heróica de desbravar uma terra virgem, engrandecer seu país e assim dar origem a um novo mundo de sonhos e oportunidades (GONÇALVES, 1998, p. 52). Podemos observar essas constatações na seguinte citação de *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo* (p. 122-123):

Há nos brasileiros, mais freqüentemente nos de Minas Gerais e de São Paulo, uma espécie de instinto que os impele sempre para diante, para além da civilização. (...) Desejo de solidão ou vocação de luta podem ser satisfeitos, porque vastos espaços estão à disposição de todos. Uma espécie de fascínio exerce sobre os espíritos a presença de terras desocupadas. (...) Todos, fazendeiros, pequenos sitiantes, assalariados, estão sujeitos ao mesmo mecanismo psicológico, em que a força da tradição e a do exemplo, o gosto pela novidade e a atração da sorte se combinavam e exerciam poderosa sedução sobre massas incrédulas e facilmente impressionáveis.

Mais do que uma contribuição à pesquisa da frente cafeeira de São Paulo, um estudo de tal monta se mostra importantíssimo para pensar a ocupação territorial do Brasil, desde os primeiros colonizadores, até a recente frente agrícola que avança sobre os cerrados e a floresta amazônica brasileira. É o que Barreira (1995, p. 99) resgata ao citar a frase de Monbeig de que “o Bandeirismo não morreu”, mas também se preocupando com as mudanças históricas, ao também citar: “o pioneiro das épocas heróicas não existe mais em nossos dias, o colonizador quer estar em contato com o resto do mundo e sentir-se em segurança...” (MONBEIG, 1940, p. 85).

Monbeig defende que, apesar das bandeiras em si haverem findado, persistiu, principalmente em São Paulo, uma cultura popular, literária e historiográfica de relembrar os pioneiros como exemplos culturais de coragem, empreendedorismo e audácia. Não se surpreende que escritores da época, como Olavo Bilac e Raimundo Correa, os tenham pintado praticamente como heróis nacionais (GONÇALVES, 1998, p.

50). Podemos conferir a importância do mito bandeirante na seguinte citação de Monbeig:

Desde o fim do século XVIII, haviam os paulistas renunciado às expedições para o sertão. Delas, porém, tinham conservado a lembrança e o pendor. Ainda hoje provoca entusiasmo a narrativa desses empreendimentos audazes. (...) Sendo um dos mais assombrosos da jovem história brasileira, o episódio das bandeiras impressiona muito as crianças. Ao aprender a ler, aprende o brasileiro a história dos bandeirantes. (MONBEIG, 1952, p. 121)

Por meio do estudo sobre o modo de pensar e de viver do brasileiro, Monbeig procura escapar da crítica que era comumente levantada contra os estudos regionais, de que seriam muito descritivos e pouco explicativos (SILVA, 2002, p. 73). Monbeig quer não apenas fazer um retrato fiel de sua área de estudo, mas sim debruçar-se sobre a explicação dos processos que tomam curso nesse espaço. Dessa maneira, une a tradição francesa de preocupar-se com a História como elemento explicativo, com um novo viés que atenta bastante a aspectos culturais dos povos locais (SILVA, 2002, p. 74). Essa preocupação com os elementos psicológicos coletivos havia começado a ser demonstrada em trabalhos de Albert Demangeon, quem foi o primeiro orientador da tese de doutoramento de Monbeig (GONÇALVES, 1998, p. 43). Claval (1983, p. 245) observa essa tendência do pensamento geográfico, ao escrever que:

(...) segundo os pontos de vista conformes à doutrina de Demangeon, considera-se as disposições psicológicas, os fatos de percepção e de representação sob a condição de que sejam coletivos; têm-se a certeza, assim, de ficar num terreno sólido se os tomamos de testemunho objetivamente mensuráveis e cartografáveis, que são as denominações, as obrigações de fidelidade aceitas ou recusadas, as formas de pertencer claramente manifestadas pelo conjunto de uma população.

Nesse aspecto, Monbeig torna-se um arauto dos novos caminhos que tomarão a Geografia e as Ciências Sociais ao longo do século vinte, pois defende a preocupação com as *atitudes mentais* de um povo e seus mitos culturais como forças essenciais para explicar o modo de ocupação e de vida no espaço (SILVA, 2002, p. 78). Monbeig defenderá novamente essa posição em seu texto *Os modos de Pensar na Geografia Humana*, em 1957, do qual Gonçalves (1998, p. 46) ressalta a seguinte citação:

Torna-se necessário que o homem seja verdadeiramente considerado como outra coisa além de uma casa, de um trator ou de uma estatística. Se o homem, o homem em sociedade, constitui o centro da Geografia Humana, deve aparecer de maneira total, com seus modos de vida e com seus modos de pensar, que afinal se confundem. A limitada tarefa dos geógrafos deve consistir em explicar a parte dos fatores geográficos na formação e na evolução dos modos de pensar, e das influências que eles exercem sobre os modos de vida e o peso que estes representam, sobre aqueles. (MONBEIG, 1957, p. 31)

Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo continua por empreender uma análise das classes sociais de cada época que contribuíram para o cenário estudado. Inicia por uma análise dos precursores, como bandeirantes e mineiros, e desemboca na análise da elite da expansão cafeeira, atrelada à massa de colonos que a acompanhava.

Em seguida, analisa a configuração geográfica das franjas de expansão cafeeira, desde os fins do século XIX até a metade do século XX. Essas análises conjugam os contextos econômicos internacionais do café, o planejamento e as técnicas produtivas, a devastação da Mata Atlântica, a evolução da rede de transportes paulista, os meios de comunicação, bem como os fluxos de migração e a situação cultural e de saúde dos colonos. Por fim, ressalta como todo esse desenvolvimento da produção agropecuária estimulava todo um mundo urbano das cidades que escoavam a produção, além de receber o excedente do lucro das exportações (AB'SABER, 1994, p. 229).

De modo a conseguir captar com fidedignidade a realidade dinâmica da ocupação territorial brasileira, Pierre Monbeig teve de ir além da metodologia clássica dos estudos regionais franceses. Estes se detinham demasiadamente na análise dos *pays*, ou seja, paisagens agrícolas estáveis, sobre as quais se desenvolvia um gênero de vida com uma identidade cultural.

A paisagem das frentes agrícolas brasileiras, inobstante, continuava em constante mudança, e Monbeig propôs uma análise com ênfase nos fluxos de ocupação e no estabelecimento de redes urbanas e de transporte (SILVA, 2002, p. 75). Ou seja, o avanço da frente de ocupação se dava paralelo a um desenvolvimento das ferrovias e estradas, bem como de pontos urbanos com serviços de apoio às novas atividades. A *franja de ocupação*, como Monbeig a chamava, seria não uma paisagem fixa, mas sim um processo histórico-espacial em atuação, a que nosso geógrafo tenta compreender a partir do conceito de *complexo geográfico* (SILVA, 2002, p. 78). Os problemas da

divisão regional do Estado de São Paulo, a partir das teorias tradicionais e modernas da Geografia, serão tratados com profundidade em seu texto *Os Problemas da Divisão Regional em São Paulo*, em Monbeig (1957).

O termo *frente pioneira* incorpora uma ideia da aventura, do herói e do progresso como objetivo social, inspirando-se, especialmente, na *marcha para o oeste* americano (ZUSMAN, 2001, p.27) e mesmo com raiz etimológica nos *fronts* de guerra (LEONÍDIO, 2009, p. 44). Monbeig (1984) define que a frente pioneira continha uma economia em três tempos, continuamente definindo uma velha, uma madura e uma nova. Somente nesse contexto dinâmico podem-se compreender seus aspectos econômicos (sistemas de compra/venda de terras), políticos (planejamento territorial), sociais e individuais (a psicologia do pioneiro) (DROULERS e MIELE, 2009, p. 29).

O empenho cartográfico em retratar essas dinâmicas pode ser observado nos mapas das figuras 1 e 2. No mapa da figura 1, Monbeig mostra as cidades que foram criadas quando, devido ao declínio da mineração, frentes de migração de Minas Gerais deslocaram-se para São Paulo e intensificaram as frentes pioneiras. No mapa da figura 2, nota-se uma genialidade geográfica de Monbeig, ao procurar, através de um único mapa, mostrar as direções de avanço das frentes pioneiras paulistas, a rede de transportes que a seguiam e, ainda, as funções de apoio exercidas pelas diversas cidades que se estruturaram a partir das atividades dessas frentes.

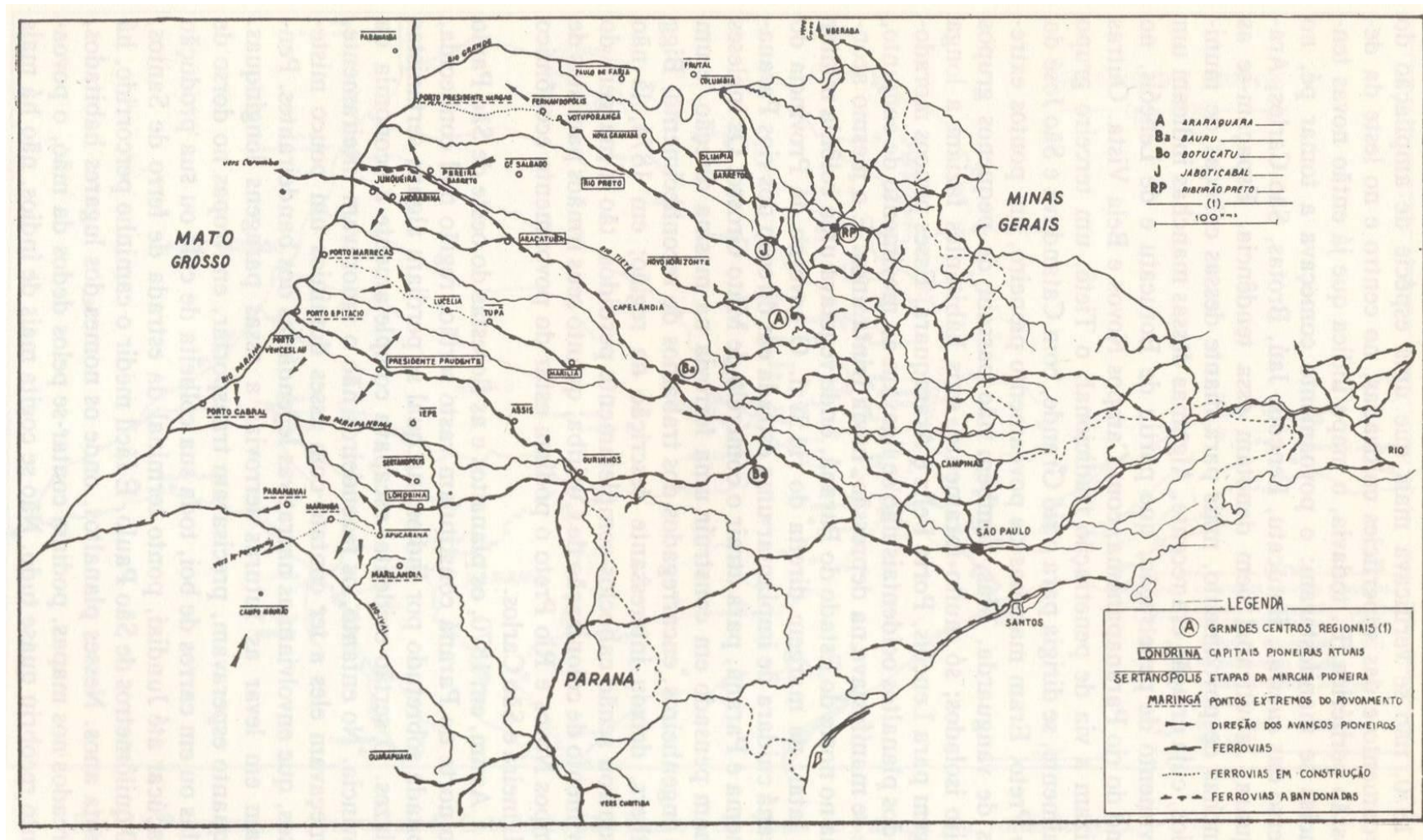


Figura 2: Povoamento e Ferrovias do Estado de São Paulo e do Norte do Paraná em 1946. Escala 1:6.000.000. (MONBEIG, 1952, p. 28).

Posteriormente, Monbeig (1957) irá diferenciar as *frentes de expansão*, movidas lentamente pela subsistência das comunidades tradicionais, de *frentes pioneiras*, estas marcadas pelo empreendedorismo e vinculação ao sistema econômico de mercado (PUPIM, 2008, p. 26). Cabe ressaltar a posterior apropriação e desenvolvimento desses conceitos por José de Souza Martins (1975; 1996), com objetivo de compreender as frentes agrícolas do Brasil contemporâneo. O autor parte da constatação de que a fronteira demográfica normalmente encontra-se além da fronteira econômica (BORGES, 1996, p. 43). Com base nessa observação, Martins (1975, p.45) volta a atenção para o processo de violência social da frente pioneira, empreendedora e inserida nos grandes mercados, apropriando-se do espaço anteriormente ocupado por comunidades tradicionais de subsistência. Nesse contexto, a fronteira não é apenas espacial, mas cultural, étnica, histórica e ideológica (Martins, 1996). É pelos lados opostos dessas fronteiras que a alteridade, a definição do *outro*, traz ao pioneiro um papel de raptor-dominador-civilizador, no que Martins (1996) traça importantes estudos sociológicos com foco nas relações de trabalho sobre o avanço da frente amazônica.

Monbeig e a Geografia Urbana

Por meio dos seus estudos sobre a expansão da lavoura cafeeira, Monbeig começou a interessar-se pelas cidades que floresciam a partir do fluxo de excedentes de capital provenientes da venda dessa monocultura (AB'SABER, 1994, p. 227). Essa foi sua porta de entrada para os estudos de Geografia Urbana, os quais passaram a ocupar um espaço expressivo na produção bibliográfica de nosso autor.

Monbeig foi o responsável pela introdução, no Brasil, de importantes teorias e conceitos de geografia urbana, como sítio urbano, posição geográfica e estrutura espacial das funções urbanas (AB'SABER, 1994, p. 228). Como fontes referenciais, incorporava os trabalhos já realizados por geógrafos renomados europeus e americanos, como Deffontaines, Pierre Lavedan, Preston James e Philippe Arbos (AB'SABER, 1994, p. 228).

Por fim, suas reflexões teóricas, aliadas à experiência dos estudos urbanos que empreendeu, lhe renderam a obra *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*, onde apresenta contribuições pessoais para o desenvolvimento da Geografia Humana,

tanto no âmbito dos estudos urbanos quanto no dos estudos agrários (AB'SABER, 1994, p. 228). Monbeig apresenta uma nova metodologia para os estudos das cidades, por meio de sua obra *O Estudo Geográfico das Cidades* que será tomada como exemplo para os demais estudos monográficos urbanos realizados no Brasil. Monbeig utilizará dessa metodologia para realizar relevantes trabalhos sobre a cidade de São Paulo, tal como o apresentado nessa mesma obra (SILVA, 2002, p. 75).

Reflexões Finais

Mais do que um importante continuador dos fundadores da escola regionalista francesa, Monbeig debruçou-se na confrontação do modo francês de se fazer geografia para com a realidade brasileira das décadas de 1930 a 1950. Desse confronto fértil, o geógrafo em comento contribui significativamente para a evolução do pensamento geográfico do século XX.

Todavia, Monbeig não foi um propositor isolado de novas teorias. Inserido que estava nas novas discussões acadêmicas de sua época, ele captou as novas tendências e formas de análise que começavam a tomar campo na Geografia, e é nesse aspecto que pode contribuir com mais proficuidade ao progresso dessa ciência. Em especial, destacam-se as estratégias de análise funcionalista do espaço geográfico (GONÇALVES, 1998, p. 42) e da valorização da cultura de uma população para se estudar como ela se coloca aos processos socioespaciais (SILVA, 2002, p. 78).

A contribuição de Pierre Monbeig para a consolidação da Geografia brasileira é patente, seja por suas obras, seja pelo seu empenho na formação de novos geógrafos. Até hoje, o trabalho de Monbeig é tomado no meio acadêmico geográfico brasileiro como referencial de alto nível de estudos regionais, em especial para áreas de frentes pioneiras de ocupação (GONÇALVES, 1998, p. 43). Em tempos atuais, com a expansão das frentes pioneiras sobre os cerrados e a floresta amazônica, suas considerações epistemológicas e metodológicas podem contribuir para um estudo mais consistente da dinâmica de ocupação e relacionamento do povo brasileiro com o seu território. O acesso aos trabalhos de Pierre Monbeig é uma maneira de vincular os trabalhos aplicados atuais à história do pensamento geográfico. Propõe-se que a reflexão sobre seus escritos pode proporcionar um embasamento teórico que oriente, de maneira epistemologicamente consistente, o estudo das frentes agrícolas. O

entendimento das frentes agrícolas como fenômenos complexos e dinâmicos é pressuposto basilar para qualquer estudo hodierno sobre essas regiões. Trata-se de um cuidado essencial para que não se produzam mapeamentos que se pretendam como retratos estáticos; pelo contrário, o que deve intentar é valorizar os atuais instrumentos da cartografia digital e do sensoriamento remoto como ferramentas úteis para a investigação dos processos dinâmicos que perpassam a região de estudo. Região que não deve ser entendida com isolada do mundo, mas que desempenha um papel funcional na teia do desenvolvimento brasileiro e internacional. Por fim, é prudente que não se perca em mente o aconselhamento de Monbeig sobre o valor do conhecimento obtido por meio dos trabalhos de campo e do contato com os atores que constroem as frentes agrícolas.

Referências Bibliográficas

AB' SABER, Aziz. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. *Revista Estudos Avançados*, USP, São Paulo. v. 8, n. 22, p. 221-232. 1994.

BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. O Papel de Pierre Monbeig na Análise da Ocupação da Frente Pioneira do Centro-Oeste (1930-1940). *Boletim Goiano de Geografia*, Universidade Federal de Goiás, Departamento de Geografia, Goiás, v. 15, n. 1, p. 89-107, jan/dez, 1995. ISSN 010 708X.

BORGES, Barsanufio Gomides. A expansão da fronteira agrícola em Goiás. *História Revista*, Universidade Federal de Goiás, v. 1, n. 2, p. 38-55, 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/10932>>. Acesso em: 26 Mar. 2012.

BRAY, Silvio Carlos. O pensamento e o método na obra de Pierre Monbeig - análise dos trabalhos publicados no Brasil nas décadas de 30 e 40. *Revista de Geografia*, São Paulo, v.2, p.84, 1983.

CLAVAL, Paul. A geografia e a percepção do espaço. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 45, n. 2, p.245, abril-junho de 1983.

DROULERS, Martine. MIELE, Sávio Augusto. A Geografia que se faz na França sobre o Brasil. *Revista da ANPEGE*. v. 5, p. 28-37, 2009.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. Em Torno de uma Prefeitura Liberal do Mitema Bandeirante: Pierre Monbeig e as Frentes Pioneiras nos Anos 30 e 40. *Revista de História Regional*, v. 3, n. 1, p. 37-64, Verão, 1998.

LEONIDIO, Adalmir. Violências fundadoras: o Pontal do Paranapanema entre 1850 e 1930. *Ambient. soc.* [online]. 2009, vol.12, n.1, pp. 37-48. ISSN 1414-753X. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X2009000100004>.

MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e tradicionalismo*. São Paulo: Pioneira, 1975. 161 páginas.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira. A degradação do Outro nos confins do humano*. Editora Contexto. Ano: 1996 (1ª ed.) / 2009 (2ª ed.). 187 páginas.

MONBEIG, Pierre. *Ensaio de Geografia Humana*. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

MONBEIG, Pierre. *Leçon inaugurale 6 de novembre de 1952: Conservatoire National des Arts et Métiers*. In: THÉRY, Hervé; DROULES, Martine. *Pierre Monbeig un géographe pionnier*. Paris: CREDAL, 1991.

MONBEIG, Pierre. *O Brasil*. São Paulo: Ed. DIFEL, col. Saber Atual, 1975 (publicação original em 1954). Trad. De Hélio de Souza Gisela Stock de Souza.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Col. Geografia: Teoria e Realidade, Ed. Ucitec-Polis, 1984 (Ed. Original: 1952). Trad. De Ary França e Raul de Andrade e Silva.

MONBEIG, Pierre. *Novos Estudos de Geografia Humana e Brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957.

PUPIM, Rafael Giácomo. Cidade e território do oeste paulista: mobilidade e modernidade nos processos de construção e re-configuração do urbano. Dissertação de Mestrado, Escola de Engenharia de São Carlos, USP, São Carlos, 2008. 236p.

SALGUEIRO, Heliana Angotti (Coord.); PRETO, Alessandra Falcão; GIANDOSO, Daniel Marques; SILVA, Marcos Flávio da. Biobibliografia cronológica de Pierre Monbeig : (Período: 1929-1985), *Revue européenne de Géographie*, número 211, publié le 8 avril 2002.

SANTOS, Dalmo Duque. Pierre Monbeig vai de trem ao sertão. In: *Epitácio na Memória: História do Porto Tibiriçá, Presidente Epitácio e do Oeste Paulista*, 2007. Disponível on-line em: <http://portotibirica.blogspot.com.br/2007/11/pierre-monbeig-vai-de-trem-para-o-serto.html>. Acesso em outubro de 2008.

SILVA, Aldo Aloísio Dantas da. Monbeig, Paisagem e Geografia Estigmática. *Mercator*. Revista de Geografia da UFC, Ceará, v. 1, n. 2, p. 71-78, 2002.

ZUSMAN, Perla Brígida. Na procura das origens da AGB. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo: AGB, n. 78, p. 7-32, dezembro/2001.

Recebido para publicação em dezembro de 2011

Aprovado para publicação em fevereiro de 2012